

Maurício Silva
12

TÓPICOS PARA UMA REFLEXÃO

4 de Novembro 1972

Tema do VI Dia Mundial da Paz - 1 de Janeiro de 1973

"A PAZ É POSSIVEL"

"Trabalhar pela Justiça", como pedia o tema do último Dia Mundial da Paz, de acordo com um dos temas do Sínodo dos Bispos de 1971; convidar para este empenho "todos os homens de boa vontade, todo o mundo do pensamento, do poder, do trabalho, dos que sofrem"; mas para quê, se tudo isto é impossível, se a Paz não é mais do que um sonho ?

É a este problema de fundo que o tema do próximo Dia da Paz se propõe responder. É por isto que Paulo VI o escolheu: para privar de motivo o desânimo de pequenos e grandes; para basear na história, na razão e na fé a imensa empresa de construir um mundo novo.

I - O RECURSO À HISTÓRIA

A lição dos factos

8.000 guerras, 8.000 tratados de paz: eis, pelo que nos dizem os especialistas, o balanço da história humana. De facto, ela pode escrever-se em duas colunas paralelas.

A primeira é a dos pessimistas. Não é encorajante. O mundo não cessou de estar em guerra. E está ainda hoje, não obstante as hecatombes dos dois últimos conflitos mundiais: Vietnam; Médio Oriente; lutas étnicas e religiosas. Mas outras podem surgir ainda: desconfiança entre Este e Oeste; tensões entre Norte e Sul, entre países ricos e países do "Terceiro Mundo"; caça aos recursos naturais e ao poder; discriminações, opressões, torturas, detenções ilegais; forças clandestinas revolucionárias; neo-colonialismo. O planeta vive sob o risco da destruição nuclear e na corrida desenfreada aos armamentos. Como se os homens nada tivessem aprendido e nada olvidado, certos Estados tomam cada vez mais como regra o nacionalismo absoluto. E muitos teóricos, muitos jovens recusam a Paz em nome da violência revolucionária: a lei é a luta; e, como fruto, o ódio.

Se se considera a segunda coluna, a história toma todo um outro aspecto. Sem dúvida, houve sempre guerras sobre a terra, mas também houve sempre Paz - ou ao menos várias pazes - e disso não se fala: "os povos felizes não têm história". Isto acontece também nos nossos dias. Contam-se mais de cinquenta conflitos abertos depois de 1945 - mas não é igualmente sabido que, no mesmo período, foram evitados mais de duzentos ? Negociações, intercessões, tratados, telefone vermelho, encontros cimeiros, salvaram muitas vezes a Paz. Toma-se suficientemente em linha de conta, de igual modo, a actual irradiação dos grandes inspiradores da não-violência e o interesse crescente voltado para as suas sugestões e para as suas estratégias. Eis, portanto, em tudo isto, o "diagrama de uma paz progressiva" (Paulo VI, Mensagem para o Dia Mundial da Paz, 1 de Janeiro de 1971), e a demonstração de que a guerra não é inevitável.

Mas também a Paz não o é, insistem os fautores da primeira tese. Optimistas, pessimistas, quem poderá dar-lhes razão ?

A prova pelo homem

A coisa não é fácil, porque ambos têm razão. É necessário, portanto, pôr de parte as cifras, e ir à fonte: a história engolfa na antropologia. E por esta razão é ambígua. Uma vez que "a paz é o homem" (Paulo VI, Mensagem para o Dia Mundial da Paz, 1 de Janeiro 1971), o homem é capaz do



melhor e do pior, da amizade e da afronta: o homem que "procura avançar com as palavras e retroceder com os factos" e caminha para a paz com passo oscilante e intermitente (Cfr. Paulo VI, Homilia da Missa no dia de oração pela Paz, 4 de Outubro de 1966); o homem essencialmente ambivalente, na sua pessoa individual como na sua vida social, ao mesmo tempo solidária e superarmada, capaz de fazer explodir a terra e obcecado pela nostalgia da sua unidade.

Então, em quem acreditar? E quem vencerá, o homem espiritual ou o homem pecador? Para saber se a paz é possível, a prova pelo homem não parece bastante mais convincente do que a prova pela história.

Se é assim, que pensar e que fazer?

II - ESCOLHER A PAZ

Eis a resposta de Paulo VI, que retoma e completa a de Pio XII, de João XXIII e do Concílio, no aniversário da sua visita à O.N.U., em 4 de Outubro de 1966. "A Paz é coisa grande...; mas coisa difícil, extremamente difícil. Todavia, nós dizíamos há pouco: não impossível. Porquê não impossível? Bastam as forças humanas a procurá-la, a mantê-la? Preferimos, neste momento, não dar uma resposta completa a este problema angustiante, que envolve as teses mais difíceis do pensamento e da história, para concluir simplesmente com a aplicação de uma palavra de Cristo...: se "isso é impossível ao homem, tudo é possível a Deus" (Mt. 19, 26).

~~Não acontecerá diversamente neste breve esboço do tema para o Dia Mundial de 1973. Não se pode senão remeter de novo aos tratados de teologia sobre o homem, a criação, a graça, o pecado, e mais simplesmente, à Constituição Pastoral Gaudium et Spes, do II Concílio do Vaticano, particularmente ao que lá se diz sobre a actividade humana e o seu aperfeiçoamento em Cristo ressuscitado (nn.33-39), como sobre a "missão da Igreja no mundo contemporâneo" (nn.40-45), sem esquecer o capítulo V da segunda parte, dedicada ao problema da guerra e da paz.~~

Falando ao mundo como Pastor e como Testemunhador, Paulo VI não se demora a desenvolver principalmente estes argumentos dogmáticos. Procede por afirmações.

Três afirmações

Eis a primeira: por meio da fé, nós sabemos que "o homem não está só na consecução dos seus destinos, e que uma força poderosa e paterna pode inserir-se no curso dos seus acontecimentos decisivos" (Homilia da Missa no dia de oração pela Paz, 4 de Outubro de 1966).

Eis a segunda, que se dirige a todos os homens: "Nós devemos sustentar sempre que a paz é possível" (Ibidem). Debaixo de outras expressões, encontra-se esta mesma ideia em todo o ensinamento do Santo Padre: "Todos nós devemos procurá-la", "A paz não é um sonho, mas um dever", "um dever universal e perpétuo", "uma ideia imperativa". E, mais incisivamente ainda: "A paz é preciso querê-la. A paz é preciso amá-la. A paz é preciso procurá-la" (Mensagem para o Dia Mundial da Paz, 1 de Janeiro de 1969).

Estas afirmações são de grande importância.

Quanto ao método, antes de mais, o Papa não afasta, a par uns dos outros, os optimistas e os cépticos. Não lhes dá uma resposta de escola ou de complacência. Se o juízo a emitir sobre a história passada e sobre a natureza do homem é ambíguo, a resposta do Chefe da Igreja não o é. Ele apoia-se resolutamente sobre um dos dois pratos da balança e fá-lo pender para o lado da Paz. Toma partido sem hesitação. Se os factos ou as razões não são concludentes, a fé dará a decisão.

Por outras palavras, a Paz é um "imperativo categórico". Mesmo que se não veja, mesmo que não se consiga realizá-la, é preciso crer. Ela é, por assim dizer, objecto de fé. De fé humana, se é um dever para todos, e por isso realizável, porque "ninguém é obrigado ao impossível". De fé cris-

tã - ou religiosa: pois que Deus quer a paz, de que é Autor e Salvador. Resumindo, a paz crê-se.

Assim, Paulo VI, como João XXIII, corta a questão - filosófica e teologicamente confusa - de saber se a paz é possível, com a "espada" evangélica da Palavra de Deus.

III - TORNAR POSSIVEL A PAZ

Um programa de acção

"Nós devemos fazer sempre todos os esforços para tornar possível a paz". É esta a terceira afirmação do Santo Padre.

Se é preciso tornar possível a paz, ela não é, portanto, um imperativo cego, fideísta ou ditatorial. Não é fatal nem automática. Não é fruto do acaso ou dos acontecimentos. Dada do alto por Deus é confiada por Ele à nossa liberdade. Isto era verdadeiro já no passado, mas agora verifica-se muito mais claramente. A paz, hoje, depende do homem. Este encontra-se numa situação completamente nova para a sua relação com o mundo, pela ciência, pela técnica, pela cultura, pelo progresso das ciências sociais e psico-sociológicas: o homem impõe o seu domínio ao cosmos. Ele sabe e pode mais.

Não se pode pois, agora, falar da possibilidade da paz como se falava outrora - ou mesmo a seguir à última guerra mundial. Tudo está em mudança. Por isso, para um mundo novo, paz nova; já não se pode falar do futuro ao passado. O que era irrealizável ontem, pode ser obtido hoje.

Alguns exemplos:

A guerra - No contexto actual ela torna-se cada vez mais anacrónica. Pelo seu horror e pela sua extensão, por aquilo que põe em jogo, pela loucura da corrida aos armamentos, pela sua irracionalidade, ela perde, cada dia, a sua pretensa justificação. Agora, os seus próprios excessos voltam-se contra ela e constituem um factor de paz. Pela própria guerra moderna nós somos obrigados à paz. E eis uma nova possibilidade para a paz, que se oferece à nossa geração. "A Razão, não a força, deve decidir a sorte dos povos" (Paulo VI, Mensagem para o Dia Mundial da Paz, 1 de Janeiro de 1969).

Estruturas novas - Obrigados à paz, mas a uma paz moderna. Em vez de copiar e de reproduzir servilmente os "modelos" passados, trata-se para nós de inventar, de mudar, de criar, com as nossas novas possibilidades e os nossos novos meios. "A ideia de paz faz progressos na consciência, ainda que nem sempre na prática, do mundo contemporâneo" (Paulo VI, Homilia da Missa no dia de oração pela paz, 4 de Outubro de 1966). Apoiando-se sobre este novo estado de espírito, a sociedade internacional e nacional contemporânea deve renovar as suas instituições e dotar-se de estruturas que ainda não possui no campo do Direito. O dever da nossa geração é também, e sobretudo, o de estimular e de organizar a participação democrática e efectiva dos cidadãos, jovens e adultos, à vida pública e às suas responsabilidades, discernindo a possibilidade mais larga, numericamente, e mais contínua, quotidianamente, de servir o bem comum e o bom êxito da sociedade, que o mesmo é dizer a Paz. Vêm ao pensamento os quatro "critérios" ou "pilares" estabelecidos por João XXIII na "Pacem in Terris" para este edifício: a Verdade, a Justiça, o Amor, a Liberdade; cada um inseparável dos outros três.

Técnicas e organizações

Proporcionar meios à paz - Se não há um grande número de "infortúnios da paz" isto deve-se ao facto de existir todo um dispositivo de segurança internacional, milhares de organismos, de acordos comerciais, políticos ou culturais, de alianças, assim como também uma intensa actividade diplomática que nos mantém num estado de vida internacional. Mas estes dispositivos são ainda muito insuficientes. Como a guerra e mais ainda do que ela, a paz tem necessidade de técnicas e de técnicos. Ela requer também homens espiri-

tuais e teólogos. A paz é possível como a guerra, se se lhe dão os mesmos meios. Um dos primeiros, que deve ser desenvolvido, é a ciência. Porque a paz não se improvisa. Ela tem necessidade de sábios, de instituições. Tornar possível a paz significa fazer com que ela disponha de recursos suficientes, em homens e em financiamentos.

Homens novos - Não basta "apostar no homem". É necessário ainda que estes homens - como nas corridas do estádio, para retomar uma comparação de S. Paulo - sejam capazes de "ganhar a paz" em breve, que sejam formados, preparados, treinados, competentes e enérgicos.

Tornar possível a paz significa ter confiança na natureza humana e nas qualidades que cada um tem de reserva. Paulo VI dá o exemplo deste apreço sincero: "A paz é possível porque os homens são fundamentalmente bons, estão orientados para a razão, para a ordem e o bem comum" (Homilia da Missa do Dia da Paz, 1 de Janeiro de 1968). João XXIII não falava diversamente, quando se voltava contra os "profetas da desventura". Sem todavia querer arvorar-se, com facilidade excessiva, em profeta de felicidade, ele acredita na boa vontade dos homens, aos quais dirige, sem distinção a sua encíclica "Pacem in Terris" porque todo o ser humano, porquanto possa ser pecador, é criado à imagem de Deus e redimido, ainda que ele próprio desconheça, pela graça do Seu Filho. Aqui então se encontra a "aposta" da paz. Tal aposta baseia-se na razão, como se viu, mas também, e pelo menos igualmente, sobre o "coração", sobre a vontade. A paz é possível porque os homens a desejam. Eles desejam-na porque têm necessidade dela, como o corpo tem necessidade da saúde. U guerra civil, ou simplesmente, uma greve prolongada multiplicam esta exigência de segurança, de unidade, de harmonia e de solidariedade sociais. O Concílio e os últimos Papas insistem com vigor. A paz é um dinamismo, um impulso, um instinto motor. Ela não se limita à manutenção da ordem - também justa. Ela está presente como um polo de atracção e o sinal de crescimento, tanto e mais que da anatomia do corpo social. Paulo VI compara-o a um avião: mais pesado que o ar, ele não pode voar senão com velocidade e atirado enérgicamente para a frente. Dizer isto significa reconhecer a ligação essencial da paz com o futuro. Ela está toda orientada para o futuro. Ela é o termo da história. Ela é a perspectiva. Para o crente, ela é também meta histórica. Ela participa na dimensão escatológica de todo o ser criado, de toda a humanidade, de toda a Igreja, Povo de Deus em marcha. Tornar possível a paz, hoje, significa afirmar tudo isto e conformar com ele o próprio comportamento e os comportamentos colectivos dos grupos e dos povos. Dever-se-ia encontrar em todos os cristãos este caracter "messiânico" da paz de Cristo, fonte de coragem e de empenho.

A força inigualável do amor

Enfim, e sobretudo, significa ter confiança, apoiar sobre o amor. "O homem é feito para amar, é feito para a paz" (Paulo VI, Mensagem para o Dia Mundial da Paz, 1 de Janeiro de 1970): Já S. Tomás de Aquino afirmava: "A paz é um efeito do amor" (S. Th. II, 2º 29,3). O amor "vertical" para com Deus, e o amor "horizontal" que faz recuar indefinidamente as barreiras de raça, de cor, de cultura, de nacionalidade, de ideologias. O homem irmão, "meu irmão, nosso irmão" (Paulo VI, Mensagem para o Dia Mundial da Paz, 1 de Janeiro de 1971).

